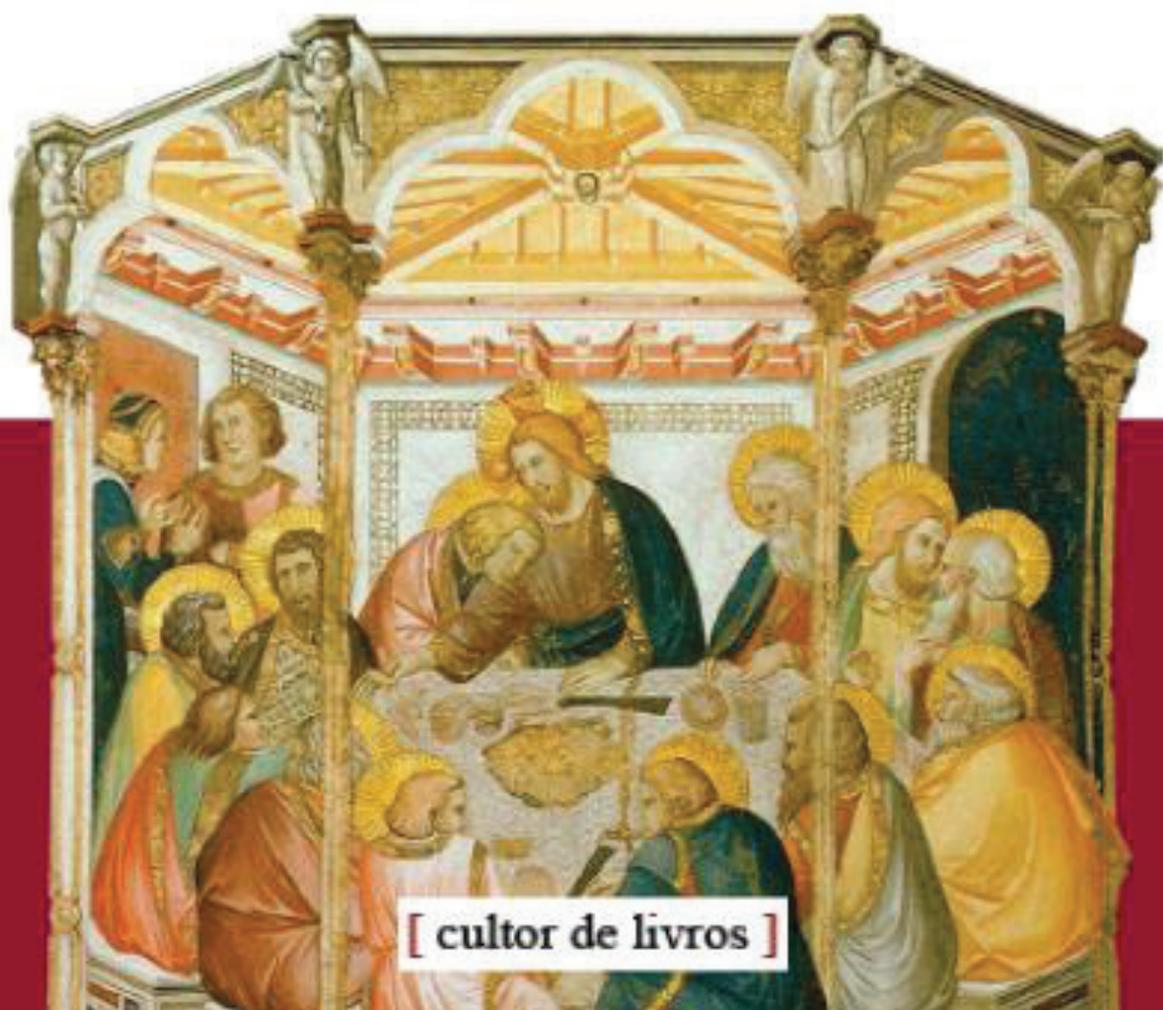


AMAR E ENSINAR A AMAR

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE
NOS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO

Francisco Javier Insa Gómez (coordenador)



[cultor de livros]

AMAR E ENSINAR A AMAR

A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio



FRANCISCO JAVIER INSA GÓMEZ (COORDENADOR)

AMAR E ENSINAR A AMAR
A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio

Tradução de Margarida Hulshof

[cultor de livros]
São Paulo
2019

© Francisco Javier Insa Gómez, 2019

Título Original

Amare e insegnare ad amare.

La formazione dell'affettività nei candidati al sacerdozio

Tradução

Margarida Hulshof

Capa

Liliana M. Agostinelli

Diagramação

Elisa Hulshof

Imagem da capa: Pietro Lorenzetti, Última Cena,
afresco da Basílica inferior de São Francisco em Assis, 1310-1319.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

INSA GÓMEZ, Francisco Javier (coord.)

Amar e ensinar a amar: a formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio. Francisco Javier Insa Gómez (coord.). Tradução de Margarida Hulshof / São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

ISBN 978-85-5638-175-0

1. Vida cristã 2. Sacerdócio 3. Afetividade I. Francisco Javier Insa Gómez. II. Título

CDD 248.894 2

Índices para catálogo sistemático:

Vida cristã : Sacerdócio 248.894 2

Todos os direitos desta edição estão reservados a:

Cultor de Livros

Edição e distribuição de publicações

Rua Iperoig, 719 – CEP: 05016-000 – São Paulo/SP

Tel. (11) 3672-3508

www.cultordelivros.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A AFETIVIDADE HUMANA E A CASTIDADE CRISTÃ *Francisco Javier Insa Gómez*

Uma nova relação com Deus.....	11
A afetividade humana.....	13
A castidade cristã.....	15
A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio.....	17
Conteúdo do livro.....	19

I. A VIRTUDE CRISTÃ DA CASTIDADE: QUESTÕES TEOLÓGICAS E ANTROPOLÓGICAS

ASPECTOS TEOLÓGICOS DA CASTIDADE CRISTÃ: DEIXAR CRESCER A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE *Mons. José María Yanguas*

1. Introdução.....	27
2. Jesus Cristo no centro da fé e da vida cristã.....	28
3. Caridade e castidade.....	33
4. Fé e castidade.....	42
5. Esperança e castidade.....	47
6. Conclusão.....	50

A FORMAÇÃO NA FORTALEZA E NA TEMPERANÇA *Julio Diéguez*

1. Introdução.....	53
2. Algumas ideias sobre a formação para a castidade.....	56
a) <i>Formar a inclinação</i>	56
b) <i>Formar é integrar</i>	57

c) <i>É uma virtude</i>	59
d) <i>Criar um mundo, um clima interior</i>	62
3. Os meios	64
a) <i>Meios pessoais diretos</i>	65
b) <i>Meios pessoais indiretos</i>	67
c) <i>Meios institucionais</i>	69
4. Conclusão	70

QUERER SER AMADO

À AVENTURA DE EDUCAR E DESFRUTAR DO AMOR

Paul O'Callaghan

1. Amar e ser amado.....	71
2. Algumas dificuldades.....	72
3. A chave do amor.....	74
4. Uma dinâmica de gratificação diferida.....	75
5. Educar para desfrutar da aventura do amor.....	77

II. A PERSPECTIVA PSICOLÓGICA

PERSONALIDADE, NEUROSE E *BURNOUT*

Wenceslao Vial

1. Introdução	87
2. Transtornos de personalidade	88
3. Ansiedade e depressão	91
a) <i>Ansiedade</i>	93
b) <i>Depressão</i>	95
4. Enfermidades do dom de si e síndrome do <i>burnout</i>	97
5. Conclusão	100

DEPENDÊNCIA AFETIVA E PERFECCIONISMO:

UMA PROPOSTA A PARTIR DA TEORIA DO APEGO

Francisco Javier Insa Gómez

1. Introdução: o sintoma neurótico.....	101
---	-----

2. A origem da insegurança segundo a psicologia evolutiva: o apego ..103	
a) A teoria do apego de John Bowlby.....103	
b) O apego da infância até a idade adulta105	
3. A personalidade dependente..... 108	
a) Aspectos gerais.....108	
b) Algumas orientações para os formadores112	
4. A personalidade obsessivo-perfeccionista..... 115	
a) Aspectos gerais.....115	
b) Algumas orientações para os formadores118	
5. Conclusão 121	

“QUANDO PODEREMOS FINALMENTE VOLTAR AO NOSSO VERDADEIRO TRABALHO?” - SER SACERDOTE DIANTE DO ESCÂNDALO DOS ABUSOS

Hans Zollner, S.J.

1. Algumas situações atuais..... 123	
2. Algo aconteceu..... 124	
3. Quatro campos de trabalho 125	
a) Campo 1: Atenção às vítimas.....125	
b) Campo 2: Abertura e transparência.....126	
c) Campo 3: Compromisso com a prevenção.....127	
d) Campo 4: Medidas para a formação e a atualização.....127	
4. Reflexões finais..... 129	

ABORDAGEM INTEGRAL DA CONDUTA SEXUAL FORA DE CONTROLE

Carlos Chiclana

1. Introdução 131	
2. Dar nome ao que está ocorrendo..... 136	
3. Que fatores podem estar influenciando na origem e desenvolvimento dessas condutas? 143	
4. Relação dessas condutas com patologias mentais e problemas psicológicos..... 149	
5. Como atender alguém com essas dificuldades?..... 152	
Anexo 1: Bibliografia complementar158	
Anexo 2 : Questionário sobre vício em sexo através da internet (Internet Sex Screening Test).....161	
Anexo 3: Inventário de Conduta Hipersexual163	

<i>Anexo 4: Perguntas para a exploração explícita do comportamento sexual.....</i>	165
--	-----

III. O DESENVOLVIMENTO DE UMA VERDADEIRA FRATERNIDADE E PATERNIDADE CRISTÃ

O VALOR DA AMIZADE NA VIDA CELIBATÁRIA

Maurizio P. Faggioni, ofm

1. A maturidade afetiva do presbítero.....	169
2. Características da amizade	174
3. Amizade e fraternidade	179
4. As amizades particulares	184
5. A amizade com os leigos e com as mulheres	190
6. Conclusão: o exemplo de Jesus.....	195

A PATERNIDADE CRISTÃ, FRUTO MADURO DE UMA VIDA CASTA

Mons. Massimo Camisasca

1. Introdução	197
2. A maturidade afetiva de Jesus	198
3. Da maturidade afetiva à paternidade.....	202
a) <i>Maturidade afetiva para consigo mesmo</i>	202
b) <i>Chamados a ser pais na igreja</i>	204
4. Conclusão	209

Para que precisamos de sacerdotes? Precisamos deles simplesmente porque precisamos de Deus. [...]

Sua missão como sacerdote é ensinar os homens a amar. É amar o amor e ensinar a amá-lo. Porque realmente precisamos aprender a amar. O amor não consiste no primeiro instante de arrebatamento. Ele consiste precisamente na paciência de aceitar um ao outro, de até estar, internamente, cada vez mais perto um do outro. O amor, assim como o Evangelho, não é água com açúcar, não é comodidade, ao contrário, é um grande desafio, e, nesse sentido, é purificação, transformação e cura de nossa vida, conduzindo-nos para o alto.

Ensinar e aprender o amor. Esta é a missão principal de quem fala de Deus. E isso é o que mais necessitamos, pois, se não amamos de forma correta, afastamo-nos de Deus e de nós mesmos, e a vida se torna sombria e estéril.

J. Ratzinger, *Homilia no 40º aniversário de sacerdócio de Mons. Pároco Franz Niegel*, Unterwossen, 1994, em *Idem, Enseñar y aprender el amor de Dios*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid: 2016, pp. 277 e 279.

A paternidade cristã, fruto maduro de uma vida casta

Dom Massimo Camisasca¹⁸²

1. INTRODUÇÃO

Antes de começar, gostaria de fazer um esclarecimento terminológico. Quando me refiro às pessoas que se consagraram completamente a Deus, em lugar do termo *castidade*, prefiro *virgindade*.¹⁸³ Com efeito, enquanto a palavra *castidade* se refere principalmente à continência da expressão genital, a *virgindade* se refere a um modo de amar que encontra sua raiz num estilo de vida que Cristo nos revelou. Esta modalidade, como mostrarei, também implica continência, mas não consiste na abolição da sexualidade. A *virgindade* é o olhar de Deus sobre o mundo, e é, portanto, a forma mais verdadeira de amar, o cumprimento da afetividade. Portanto, falar de *virgindade* significa falar de maturidade afetiva. Para todos os homens, e em particular para os sacerdotes, a maturidade afetiva significa aprender a amar os homens e as coisas como Deus os ama, como um pai. Está assim revelado *in nuce* o vínculo que existe entre *virgindade*, maturidade afetiva e paternidade.

182 Bispo de Reggio Emilia-Guastalla.

183 Pode-se aprofundar o sentido do termo *virgindade*, que empregaremos nestas páginas, em: M. Camisasca, *El desafío de la paternidad. Reflexiones sobre el sacerdocio*, Ed. Encuentro, Madrid: 2005, pp. 71 ss.

Quais são as razões profundas que podem explicar a virgindade e, de modo mais geral, uma vida consagrada? A maior descoberta de minha existência é que a virgindade não é um modo de vida destinado somente a alguns poucos. Ao contrário, é a vida a que todos estamos destinados. Em minha opinião, houve uma espécie de aliança entre a Igreja e o mundo para restringir, ao longo dos séculos, a amplitude destas palavras. Hoje em dia, “virgindade” é um termo que indica uma vida ridicularizada, e mesmo as pessoas mais benévolas o consideram a situação própria dos padres e das freiras. Não soa como algo fundamental para toda a vida humana. Esta é, contudo, a perspectiva em que quero situar-me. Entende-se o que é a virgindade como forma específica de vida se se entende a virgindade como forma de vida de qualquer vida humana.

2. A MATURIDADE AFETIVA DE JESUS

A virgindade é a referência total da vida de Jesus ao Pai. É, portanto, a forma como Jesus olha o mundo através de sua relação com o Pai. A virgindade é a relação que Jesus tinha com o Pai.¹⁸⁴ Entrar neste vínculo significa entrar no mistério da Trindade, algo que é impossível para o homem. Aqui se percebe a vertigem da virgindade, que, ao identificar-nos na terra com a vida de Jesus, nos faz entrar no mistério da Trindade, no coração de Deus, em algo eterno já no tempo. Ela dá a nossos instantes e a nossas relações uma misteriosa, mas real incorruptibilidade, nos comunica a certeza de que não se perderão com o tempo. Essa certeza é a origem do resplendor que as pessoas viam no olhar, nas palavras e nas ações de Jesus. A virgindade é a participação na mentalidade, no coração e no olhar de Cristo.

184 Cf. L. Giussani, *Si può vivere così?*, Rizzoli, Milano: 1994², pp. 118 ss., 350 ss.; idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Rizzoli, Milano: 1996, p. 520.

Ao meditar os capítulos 12-17 do Evangelho de João podemos apreciar um duplo foco. Jesus é enviado pelo Pai ao mundo, e, ao mesmo tempo, é uma só coisa com Ele. Ele é o enviado. O Pai amou tanto o mundo que enviou seu Filho, que não veio para julgar, mas para salvar. O Filho comunica as coisas que o Pai lhe disse; realiza as obras que o Pai lhe confiou; faz o que agrada ao Pai, porque é uma só coisa com Ele. O Filho recebe tudo do Pai, transmite tudo às criaturas e quer restituir todas as criaturas ao Pai.

A virgindade do Filho é, pois, o seu ser totalmente relacionado ao Pai; o seu olhar sobre os homens e sobre as coisas à luz do Pai. O capítulo do Evangelho que mais me impressiona é o que trata da Providência (cf. Mt 6,25-34; Lc 12,22-34). Aqui aparecem verdadeiramente o coração e o olhar de Jesus, sua divina capacidade de ver o tecido, a flor, o pássaro, com o olhar do Pai, de referir tudo a Ele. Podemos dizer que seu coração está ocupado numa adoração em que cabem todos os homens. Jesus amava os homens no Pai, e nos ama a cada um de nós no Pai. Seu amor não é dividido, é um único amor. Nosso amor sempre tem algo de imperfeito, e, portanto, de desagregador. A virgindade é o caminho da recomposição do amor.

A virgindade é encontrar tudo em Jesus, da mesma forma como ele encontrou tudo no Pai. Não gosto das visões exclusivistas do amor. Prefiro uma visão inclusiva: não amar somente a Deus, mas amar todas as coisas n'Ele. O amor a Jesus não nasce do desprezo pelas coisas da vida. Ao contrário, o amor a Jesus se dilata quando descobrimos que o amor às coisas da vida encontra seu fundamento somente nele. Em Jesus, podemos encontrar tudo, e por isso ele é a fonte original e esgotadora do amor. Não creio que Jesus tenha reprovado Marta pelo que estava fazendo, mas sim pelo que estava descuidando. Marta ainda não tinha entendido que seu trabalho por Jesus devia estar fundamentado na contemplação de Jesus, em amá-lo acima de tudo o mais. Marta amava aquilo que fazia por Jesus, mais do que ao próprio Jesus.

Jesus não se casou, e pediu aos apóstolos que o seguissem deixando tudo. Não havia nele nenhum desprezo pelo humano. Ele bem sabia que o homem fora feito à sua imagem e amava cada pessoa. Nele não havia nenhuma consideração negativa em relação à mulher, como havia na cultura de sua época (recorde-mos os exemplos da mulher samaritana e das mulheres que o seguiam). Não havia em Jesus nenhuma consideração negativa em relação ao matrimônio. Não apenas ele começou seu ministério durante um casamento, mas também quis fazer dele o sinal mais elevado da aliança entre o homem e Deus. Jesus queria que todos vissem nele o amor preferencial e total pelo Pai. Pediu a virgindade aos apóstolos para que todos vissem neles o amor preferencial e total por Cristo.

O fundamento da virgindade é, portanto, a relação entre Cristo e o Pai. Isto só pode ser compreendido a partir da fé. Não é suficiente uma visão puramente naturalista da vida. Portanto, não deve surpreender-nos a incompreensão ou um certo nível de zombaria por parte do mundo, porque o mundo carece de ferramentas para entender o que nos aconteceu. É necessário que sejamos nós a oferecer-lhe tal oportunidade. Como é possível que o que todo mundo considera uma derrota ignominiosa (não ter uma mulher, não ter relações sexuais) seja considerado por alguns como algo luminoso e não excludente das vocações dos outros?

A virgindade é uma forma de vida que grita o nome de Cristo, que grita que Cristo é a única razão e a única possibilidade de uma vida plena. É profecia, porque quem a vive grita ao mundo que a verdade é Cristo, grita que Cristo é tudo, que Cristo é o significado de tudo.¹⁸⁵

A dificuldade de compreensão por parte dos homens, já desde os tempos de Jesus, mostra-se já nos apóstolos: o que ganharemos em troca de ter deixado tudo? Devemos meditar muito na resposta de Jesus (cf. Mt 19,27-29; Mc 10,28-30). A virgindade

185 Cf. idem, *Il tempo e il tempio*, Rizzoli, Milano: 1995, pp. 21 ss.

é vista por Jesus como um aumento em *cem vezes* da experiência humana e não como uma diminuição. É importante entrar nesta mensagem e nesta consciência. Sem a experiência do *cem por um*, a nossa vocação já não é possível. Se nos consideramos homens diminuídos, não teremos nenhuma luz para oferecer aos homens que a esperam.

Também outros homens ou mulheres, ao longo de sua vida, fora de um contexto de fé, podem ter tido a intuição de que era conveniente ser livres: para dedicar-se a um trabalho, a uma carreira, a uma tarefa filantrópica, etc. Isso não tem nada a ver com a virgindade. A virgindade é ser livre para Cristo, livre para amá-lo, para encontrar nesse amor nossa liberdade. Dessa maneira, abre-se em nós uma fonte de doação que de outra maneira seria impossível. A partir do amor preferencial por ele e do seu amor preferencial por nós, abre-se de par em par a possibilidade de estar junto aos homens, os pobres, os necessitados, os que não conhecem a Jesus.

Ao longo de minha vida já me perguntei, especialmente nos anos de minha juventude, se era possível viver sem ter relações sexuais. Como experiência de minha própria vida, digo que é possível. Encontrei a esse respeito uma frase do grande biólogo Jérôme Lejeune:

Por mais fundamental que seja (dela depende o futuro da espécie) esta função biológica, ela é a única em que a falta de satisfação não comporta patologia alguma. Não se pode dizer o mesmo da fome, da sede ou da necessidade de dormir. No celibato, a pulsão persiste, sempre igualmente especializada, mas o apetite se generaliza. Sendo inicialmente genital, cresce genialmente, escalando a árvore da vida até Aquele que a gera.¹⁸⁶

186 Cf. J. Lejeune, *Coeli Beatus: Osservazioni di un biologo, en Aa.Vv., Solo per amore. Riflessioni sul celibato sacerdotale*, Edizioni Paoline, Cinisello Balsamo: 1993, p. 82.

A pulsão, embora permaneça, converte-se em uma força unificada com muitas pessoas.

No início desta primeira parte eu havia dito que a virgindade implica uma maneira de relacionar-se com as pessoas que é pedida a todos. O olhar e o pensamento de Cristo nos são concedidos de uma maneira inicial, mas efetiva, no Batismo. Por isso, todo cristão é chamado à virgindade. Há uma virgindade também no Matrimônio, do mesmo modo como há uma esponsalidade na vida virginal. O Batismo é o momento em que nossa vida se enraíza no corpo de Cristo, é posta em relação com ele. Todo cristão, qualquer que seja a forma específica de sua vocação, por meio do Batismo é enxertado em Jesus, que é o único significado e valor de sua existência. A virgindade é obra do Espírito em nós.

3. DA MATURIDADE AFETIVA À PATERNIDADE

a) Maturidade afetiva para consigo mesmo

A virgindade é o cumprimento da afetividade. O primeiro âmbito em que isso ocorre é o de um novo olhar para si mesmo, para o próprio passado, o próprio presente e o próprio futuro. Para conquistar a maturidade é necessário, antes de mais nada, conseguir uma relação equilibrada com o próprio passado. Por exemplo, é importante chegar a um juízo autêntico sobre o lugar que ocupam os pais em sua vida. Não se pode conceber um presente e um futuro verdadeiros para a própria vida sem uma reconciliação com todo o próprio passado.

Em consequência, a virgindade em relação a si mesmo significa antes de tudo amar-se a si mesmo como se é, aceitar os próprios limites, os próprios defeitos, os próprios pecados. Não para aprová-los, mas porque a aceitação do próprio mal é a condição

para a mudança, é o começo da liberdade e da saúde espiritual, psíquica e mesmo física. Virgindade é liberdade em relação a si mesmo, isto é, aceitação de si mesmo, posse plena de si mesmo para poder doar-se totalmente. Aqui emerge outro vínculo entre a maturidade afetiva e a paternidade espiritual. A essência da vida sacerdotal é, com efeito, uma doação de si mesmo a Cristo presente: anunciar Cristo, torná-lo atual nos Sacramentos, acender nas pessoas o desejo de que Cristo seja conhecido e amado.

A virgindade na relação consigo mesmo é também capacidade de ser independente em relação ao julgamento dos outros. Quanto tempo e quanta serenidade perdemos por uma dependência exagerada da opinião dos outros! Não se trata de ser indiferentes, mas de prestar atenção ao julgamento verdadeiro de quem tem paixão por nossa vida, de quem nos conhece e nos ama, ao invés de sentir-nos dependentes de todas as vozes que circulam sobre nós. A estatura de nossa existência é definida por Cristo.

E neste sentido, a virgindade para consigo mesmo se refere também à maneira como se vivem os encargos. Essa é uma questão crucial para os sacerdotes. Quando nos confiam uma responsabilidade, devemos aceitá-la e exercê-la pelo fato de que nos foi confiada. Se, ao contrário, ela não nos é confiada, não nos preocupemos. Teremos menos pelo que responder perante Deus.

Outro aspecto desta capacidade de ser independente do julgamento dos outros se refere ao âmbito do próprio trabalho. A incapacidade de viver o próprio compromisso no trabalho com distanciamento e equilíbrio denota um equilíbrio afetivo ainda imaturo. Muitas vezes prevalece a necessidade de nos sentirmos gratificados pelo êxito do nosso trabalho. Para conseguir isso somos compelidos a sacrificar o silêncio, a oração e as relações com nossos amigos mais verdadeiros. A pessoa se entrega continuamente à mercê de tudo o que lhe é pedido em seu local de trabalho, por medo de decepcionar as expectativas daqueles a quem deve prestar contas. Não se trata de um simples voluntarismo: é uma questão muito mais séria, que tem suas raízes

na incapacidade de polarizar a própria afetividade no acontecimento de Cristo. A Bíblia fala de um inimigo que *como um leão que ruge, ronda buscando a quem devorar* (1Pd 5,8). Este leão rugidor é às vezes o nosso coração, que busca derramar suas energias afetivas sobre algo que não é Cristo.

Quer se trate do próprio papel na vida ou do próprio trabalho, o grande risco que podemos correr consiste em não ficarmos contentes pelo amor especial que recebemos de Cristo, mas pelo fato de realizar certas atividades ou de viver em ambientes nos quais encontramos compensações afetivas superficiais. Tudo isto conduz a um notável desgaste psicofísico, porque leva a perseguir sempre algo que está fora de nós mesmos, sem nunca estar satisfeitos com aquilo que já recebemos.

b) Chamados a ser pais na Igreja

Como escreve Thomas Eliot: a Igreja existe para recordar ao homem que a luxúria, o dinheiro e a guerra não são capazes de saciar a sede do seu coração.¹⁸⁷ A Igreja não tem somente esta função, é claro, mas quando os homens não participam de sua vida nem a descobrem como portadora de uma possibilidade de plenitude, então veem nela somente uma fonte de exortações, reprovações e proibições intoleráveis. Que importância tem a Igreja para o homem? Ela é o lugar da verdadeira paternidade e da verdadeira maternidade, expressões da maturidade e da plenitude do ser humano. A paternidade e a maternidade diferem por razões fisiológicas e psicológicas, mas no sentido original são equivalentes, porque compartilham a mesma tarefa geradora e educativa. São a participação suprema no fim para o qual existimos.

187 Cf. T. S. Eliot, *Coros de la roca*, em idem, *Poesía completa* (trad. F. Vargas), Publicaciones de la Universidad Autónoma de Santo Domingo, Santo Domingo (República Dominicana): 1989, p. 175.

Deus é quem gera e não abandona, é quem nos dá o ser e nos educa para ser. A primeira tarefa da paternidade espiritual, portanto, é educar. Cristo confiou essa tarefa sobretudo à Santa Mãe Igreja. Ela gera seus filhos na pia batismal, os alimenta, os educa e os sustenta mediante os Sacramentos, a catequese e a adesão mútua. Os sacerdotes são os servidores da paternidade de Deus e da maternidade da Igreja.

O pai é aquele que é chamado a dar algo que antes recebeu. Isto vale tanto para os pais na carne como para os pais no espírito. O pai carnal dá simplesmente algo que recebeu. Hoje em dia, essa consideração está cada vez mais em crise devido à tentativa de identificar o homem com Deus através da manipulação genética: cada um decide se quer ou não ter filhos, cada um escolhe se quer tê-los saudáveis, de um sexo e não do outro, se quer tê-los de modo independente da relação sexual, ou, ainda mais, da relação entre um homem e uma mulher. Há uma tentativa crescente de colocar entre parênteses o dado da natureza: não somos a origem da vida, somente podemos dar algo que antes recebemos.

Esta consideração é, sem dúvida, correta para o pai e a mãe carnis. Eles são colaboradores de Deus¹⁸⁸ também na obra educativa, para a qual podem contribuir somente na medida de sua própria maturidade humana. O pai espiritual é também um colaborador de Deus, porque comunica aos outros o que recebeu da Igreja e de Cristo.

Assim como o papel da paternidade e da maternidade física culmina quando o filho abandona a casa, também a paternidade espiritual culmina quando aquele que encontrou Cristo através de nós descobre-o cada vez mais como o significado absoluto da própria existência. Dom Giussani tendia a colocar entre parênteses a figura do pai espiritual, ou, melhor dizendo, a direção espiritual, porque via o risco de se enfatizar sobretudo o vínculo entre uma pessoa e outra, caindo assim num personalismo nega-

188 Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 207, 2207.

tivo. No caso do sacerdote, a referência à objetividade da Igreja e de Cristo se realiza através do seu ministério e sobretudo através da pregação. Do mesmo modo como Jesus disse que a verdade que pregava não vinha dele, mas que lhe havia sido dada, também o sacerdote sabe muito bem que as palavras que pronuncia lhe foram postas nos lábios. Oferece uma sabedoria que não é sua. Isto se vê ainda mais claramente nos Sacramentos.

Embora o nosso próprio ministério seja uma expressão objetiva da referência à Igreja e a Cristo, nós não somos os salvadores, mas simplesmente os intermediários da obra de Cristo. Cristo confiou sua obra de salvação a homens. Cada um de nós foi chamado a ser uma mediação eficaz dessa obra através de sua voz, seu temperamento, sua criatividade. Cristo atua por meio dos homens que escolhe e assume todo o risco de sua escolha, assumindo também assim todos os nossos dons, que, em último caso, são seus.

Cristo nos envia para reunir as pessoas em um povo que é seu e não nosso, mas o faz através de nós. Portanto, não apenas não se devem colocar entre parênteses nossos talentos, nossa sensibilidade e nosso temperamento, mas eles foram explicitamente desejados e escolhidos por Cristo para serem intermediários de sua escolha. Aqui está em jogo o equilíbrio do educador, sua maturidade: Deus chama o pai com tudo o que ele é, mas não para que este atraia os filhos para si. Devemos dar graças a Deus pelos dons que nos dá, dons que são variados e diferentes em cada pessoa. Mas também devemos estar conscientes de que Ele concedeu esses dons para o benefício e a edificação comum, para construir nossa casa habitada por ele, como afirma Claudel em *L'annonce faite à Marie*.¹⁸⁹

Uma das tarefas fundamentais de um pai espiritual é ajudar a pessoa a reencontrar o pai carnal. Não somente no caso de que

189 Cf. P. Claudel, *La Anunciación a María, Encuentro*, Madrid: 2007, Prólogo.

se tenham afastado por ser ele alcoólatra e violento, mas também quando simplesmente não se relaciona com ele.

O amadurecimento de nossa relação com quem nos gera continuamente na fé caminha de mãos dadas com o redescobrimto da figura de nosso pai natural. Quanto mais amadurece em nós a fé pessoal, mais descobrimos a importância decisiva de nosso pai natural, mais descobrimos com emoção, junto com suas limitações, também a sua grandeza. Uma personalidade separada do próprio pai natural é uma personalidade instável e problemática. Onde não há reconciliação com as próprias raízes materiais, não há possibilidade de fecundidade espiritual, mesmo no caso de que o pai e a mãe me tivessem expulsado de casa, como infelizmente sucede às vezes, e me tivessem dito que já não me amavam mais. Se não houver perdão, não há possibilidade de fecundidade.

Diante da enorme confusão vivida pelos jovens de hoje em relação às figuras paternas, somente se pode falar desses temas fazendo referência à nossa experiência pessoal: se eles nunca tiveram um pai, terão de descobri-lo em nós.

Paradoxalmente, hoje a figura do pai é exaltada apenas pelos que vivem a virgindade. Num interessante artigo publicado em *Communio*, Granados assinala que hoje há uma recuperação da paternidade precisamente por parte dos sacerdotes: “O caráter sacerdotal está impresso não somente na alma do sacerdote, mas também em sua corporeidade. Precisamos recordar uma vez mais que ‘espiritual’ (por exemplo, ‘paternidade espiritual’) não implica uma falta de participação do corpo. [...] Um espírito puro, uma figura angelical, não é capaz de ser pai. [...] O pai espiritual transmite a seus filhos [esta é a frase que quero sublinhar] somente aquilo que viveu antes em sua experiência corporal concreta, isto é, em seu compromisso concreto com o mundo, com os outros e com Deus”.¹⁹⁰

190 J. Granados, *Il sacerdozio: un sacramento del Padre*, “*Communio*” (ed. italiana) 222 (2009), p. 35.

A paternidade espiritual não é uma paternidade angelical, mas abarca a plenitude da vida em todas as suas dimensões. Origina-se em todas as experiências de nossa pessoa, especialmente a afetiva. A experiência da paternidade espiritual nasce também da experiência de nossa sexualidade, isto é, de nosso ser homens, de nosso desejo de nos realizarmos como homens, de nossa experiência de afetos e de nosso desejo de convertê-los, da contínua exigência de que o amor a Deus purifique nosso amor aos homens.

Em nossa vocação, ser pai é o caminho para viver, de um modo verdadeiro, autêntico e fecundo, a virgindade. Um homem que quer viver a virgindade, mas não quer ser pai, que não leva dentro de si o desejo e a paixão de fazer com que isso que ele vive nasça também nos outros, é um eunuco, alguém que não tem valor para o reino de Deus. Paternidade e virgindade, portanto, se identificam. Ser pai é uma necessidade de todo ser humano, em sentido fisiológico, tanto para a mulher como para o homem. Na mulher é mais visível pela transformação que seu corpo experimenta; no homem se manifesta na consciência que tem de si mesmo, de suas próprias energias e de sua própria sexualidade.

Portanto, a paternidade espiritual é uma “obrigação” para nós. Em primeiro lugar, é uma obrigação pessoal: se não formos pais, não seremos adultos, isto é, homens. Por outro lado, há uma obrigação inerente ao ministério que nos foi confiado. Com efeito, fomos enviados para gerar Cristo no coração e na vida dos homens. Em outras palavras, o ministério sacerdotal é um ministério sponsal. Portanto, não há nada mais contraditório para o sacerdócio do que a infecundidade de quem se encerra em si mesmo e sente as pessoas às quais foi enviado como uma carga. Não estou falando do cansaço que em alguns momentos se experimenta ao abrir continuamente a porta aos problemas das pessoas. Refiro-me a um certo aborrecimento que as pessoas nos causam, porque ameaçam uma ordem que conseguimos estabelecer na própria vida.

Jesus escolheu não ter uma família carnal para poder ser totalmente de todos os que encontrava. Quem tem mulher e filhos, à noite precisa voltar para casa, preocupa-se porque um está com gripe, porque o outro não vai bem na escola... Para que o meu coração possa ser completamente de Deus e de cada homem, Jesus escolheu a virgindade. A virgindade enriquece, portanto, a paternidade espiritual e é de certo modo a sua condição. Na história da Igreja, os grandes pais espirituais, alguns deles leigos, foram os *starets* e os monges, cuja paternidade nascia da virgindade.

Jesus não apenas escolheu esse caminho, mas o assinalou a seus apóstolos, também àqueles que eram casados. Portanto, Jesus sentiu o vínculo entre virgindade e paternidade espiritual como uma grande necessidade para o trabalho a que eram chamados os seus apóstolos. A Igreja, com razão, não o definiu como uma verdade revelada; simplesmente falou de uma grande oportunidade, de uma grande conveniência. E a história lhe está dando razão.

4. CONCLUSÃO

Gostaria de concluir assinalando a principal escola que me ensinou o vínculo entre virgindade e paternidade. A vida sacerdotal encontra seu centro na celebração da Missa e na adoração eucarística. Através da adoração fui descobrindo minha filiação a Deus e assim aprendi o que significa ser pai.

A Eucaristia, com efeito, é o sinal da obediência total de Cristo ao Pai. O Pai pede ao Filho que desça à terra, que se faça homem. Cristo vive essa disponibilidade até ao ponto de converter-se em um pedaço de pão. Deste modo, gera a vida de todos os homens do mundo. Na ilimitada obediência de sua filiação, Cristo se converte no pai gerador do mundo inteiro.